

35 *criação e crítica* Travessias da crítica na América Latina

AS MÚLTIPLAS CRÍTICAS DA CRÍTICA DE LEYLA PERRONE-MOISÉS¹

Claudia Amigo Pino²

Resumo: Este artigo tem como objetivo explorar os textos de Leyla Perrone-Moisés sobre crítica literária publicados em jornais paulistas de 1960 a 2003. Para isso, em primeiro lugar, discutimos sua bagagem teórica inicial, que permeou suas escolhas e deslumbramentos. Em seguida, procuramos dar conta de três momentos diferentes: suas primeiras contribuições no *Suplemento literário* do *Estado de São Paulo*, sobre Blanchot e Barthes, nos anos 60, e as polêmicas com a crítica de inspiração marxista, nos anos 90 e com os estudos culturais, no início dos anos 2000, no jornal *Folha de São Paulo*. Nos três momentos, tentamos mostrar que, para além do objeto inicial de sua crítica, sempre há outro objeto no horizonte, produzindo uma crítica da crítica múltipla.

Palavras-chave: Leyla Perrone-Moisés, Crítica literária brasileira, Crítica literária francesa, Roland Barthes

THE MULTIPLE LEYLA PERRONE-MOISÉS'S CRITICISMS OF CRITICISM

Abstract: The article aims to explore Leyla Perrone-Moisés's articles on literary criticism published in newspapers from 1960 to 2003. To achieve this goal, the article first discusses Perrone-Moisés's initial theoretical background, which influenced her choices and perspectives. The article then focuses on three distinct moments: her initial contributions to the Literary Supplement of *O Estado de São Paulo*, her analysis of Blanchot and Barthes, and her involvement in polemics with Marxist-inspired criticism in the 1990s and cultural studies in the early 2000s, as seen in the newspaper *Folha de São Paulo*. In each of these moments, we aim to demonstrate that, beyond

¹ Este artigo é uma primeira reflexão sobre os textos publicados em jornais por Leyla Perrone-Moisés, que serão reunidos e publicados em diferentes volumes em projeto de edição em conjunto com a pesquisadora Laura Taddei Brandini, da Universidade Estadual de Londrina.

² É professora titular de literatura francesa na Universidade de São Paulo. Publicou os livros *A ficção da escrita* (2004), *Escrever sobre escrever* (2007) (com Roberto Zular), *Roland Barthes: a aventura do romance* (2015) e *Apprendre et désapprendre. Les séminaires de Roland Barthes (1962-1977)* (2022), além de vários artigos, números especiais de revistas e coletâneas. Atualmente desenvolve projeto Fapesp de Auxílio Regular "Roland Barthes e a América Latina". É membro da equipe editorial das revistas *Criação & Crítica* e *Manuscrita* e Presidente da Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: hazadul@usp.br

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

the initial object of her critique, there is always another object on the horizon, resulting in a multiple criticism of criticism.

Keywords: Leyla Perrone-Moisés, Brazilian literary criticism, French literary criticism, Roland Barthes

Leyla Perrone-Moisés inicia sua carreira como jornalista cultural no *Suplemento Literário do Estado de São Paulo* em 1958. Menos de dois anos depois de sua primeira resenha de um romance francês, ela publica um artigo de um gênero então raro nos jornais brasileiros: a crítica da crítica literária. Esse tipo de texto deve se repetir ao longo dos anos sessenta e setenta, momento em que a discussão crítica ganha fôlego na França, com as polêmicas sobre a nova crítica, e nunca é abandonado. Em jornais diferentes, em países diferentes e com objetos diferentes, Leyla Perrone-Moisés discutirá ininterruptamente a crítica em seus artigos para meios de grande circulação, mesmo quando a crítica já tinha deixado de ser uma moda.

Neste texto, propomos discutir exemplos de diferentes momentos dessa crítica da crítica, mostrando suas referências, seus objetos e as críticas subliminares que ela produz: seu horizonte é sempre muito amplo do que a crítica de um objeto. Mas antes de entrar na análise desses objetos, é preciso se referir ao contexto de sua formação, para entender suas escolhas, suas abordagens e, sobretudo, seus desconcertos na leitura de certas críticas.

A formação depois da formação

Em 1958, Leyla Perrone-Moisés tinha apenas 24 anos. Ela era recém-formada em Letras, embora esse não fosse seu projeto de vida. Desde 1952, era aluna do pintor Samson Flexor, líder do Ateliê Abstração, e tinha uma carreira atuante como pintora, chegando a participar de várias exposições no Brasil e no exterior (inclusive de duas Bienais de São Paulo). O curso de Letras era resultado de uma barganha com seus pais: em troca das aulas com Flexor, ela desistiria de cursar Belas Artes e estudaria Letras para se tornar professora, segundo seus pais, uma “profissão mais adequada a uma mulher” (Perrone-Moisés, 2021, p. 15).

Do seu período como aluna do curso de Letras na Universidade de São Paulo, Leyla Perrone-Moisés afirma apenas em seu livro de Memórias que “não gostava do modo antiquado como a literatura francesa era ensinada na USP nos anos 50”, por isso não se distinguiu nem foi convidada para dar aulas (p. 31). Recém-formada, caiu-lhe nas mãos o romance *La modification*, de Michel Butor; ela resolve escrever uma resenha e enviá-la a Décio de Almeida Prado, diretor do *Suplemento Literário*. Ele a acolhe sem restrição, o que inicia uma série de colaborações livres, sobre literatura francesa

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

e artes visuais; em 1961, em decorrência da morte de Brito Broca, ela assume a coluna mensal “Letras francesas”. É só depois desse momento que ela começa, por conta própria, uma formação em literatura francesa a partir de jornais literários da Livraria Francesa e começa a dar aulas no Mackenzie, na PUC de São Paulo e mais tarde, na Universidade de São Paulo, onde ela não tinha se destacado. Assim, sua carreira universitária é decorrente da sua atividade como crítica de jornal e não o contrário, como ocorre mais frequentemente (p. 29).

O *Suplemento literário do Estado de São Paulo*, onde ela concentra sua atuação como crítica nos anos sessenta, foi uma publicação derivada da *Revista Clima*, publicada de 1941 a 1944, por um grupo de ex-alunos desta Faculdade, entre eles, Antonio Candido, Paulo Emilio Salles Gomes, Gilda de Mello e Souza e o próprio Décio de Almeida Prado. Formados em ciências sociais e filosofia, a sua crítica (de literatura, cinema, teatro, artes visuais) se centrava no estudo dos condicionantes sociais dos produtos culturais (PONTES, 1998, p. 98). Mais tarde, durante a época do *Suplemento*, Antonio Candido, redirecionou seu viés crítico e procurou entender como elementos externos à obra literária são retrabalhados como elementos internos (p. 101).

Ora, Leyla reconhece nesse grupo o início de sua formação crítica:

Quando comecei a escrever e a publicar, não tinha nenhuma teoria a esse respeito (o curso de letras não a fornecia), mas contava com o modelo oferecido pelos grandes intelectuais que escreviam no Suplemento. E Décio me ensinava, sem nenhuma lição explícita, uma postura que era a de sua notável geração: certa elegância discreta, uma seriedade não desprovida de humor. Bem ou malsucedida nesse aprendizado, sou, quanto ao estilo, cria do Suplemento. Por ter publicado nele mais de uma centena de artigos antes de escrever uma tese universitária, talvez meus trabalhos tenham conservado algumas características daquele jornalismo cultural. Acostumei-me a concentrar um assunto em quatro ou seis laudas, e até hoje desconfio que, mais do que isso, é adendo ou digressão. (PERRONE-MOISÉS, 2020, p. 30)

É importante destacar que ela não se reconhece como “cria” de Antonio Candido³, como muitos professores de Letras, mas sim como “cria” do *Suplemento* e

³ “Minha dívida para com Antonio Candido (1918-2017), idealizador do Suplemento Literário, não é menor. Não sou sua “cria”, como gostam de dizer seus ex-alunos, mas ao longo da vida fui sua afilhada. Explico-me: não tive a sorte de ser sua aluna, porque terminei meu curso de letras antes de seu regresso à USP, como professor de teoria literária e literatura comparada, em 1974. Mas ele esteve sempre discreta e efetivamente atuante em minha atividade de crítica literária e em minha carreira universitária” (PERRONE-MOISÉS, 2020, p. 30).

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

de seus colaboradores e, portanto, do grupo Clima. Essa informação é importante em relação às leituras que virão.

De uma altitude muito superior

De 1958 a 1960, as contribuições de Leyla Perrone-Moisés no *Suplemento Literário* foram esporádicas e variadas: no total, 11 resenhas, sem regularidade definida, sobre publicações recentes francesas (no idioma original) e um livro italiano de história da arte. Seu primeiro texto sobre a crítica literária, uma resenha de *O livro por vir* de Maurice Blanchot, publicada em 26 de novembro de 1960, estava totalmente fora desse contexto de publicações. Mas tratava-se de um livro excepcional, um verdadeiro choque na sua concepção de literatura, como ela já afirmou em diversas entrevistas:

E aí teve um livro decisivo, que me fez a cabeça, no começo dos anos 60: *Le livre à venir*, do Maurice Blanchot. Aí então realmente eu achei que as coisas que eu tinha aprendido sobre literatura estavam caducas. (WOLFF, 2016, p. 135)

Eu mesma fui autodidata em relação à teoria. Quando li Maurice Blanchot, pensei: “tem um pensamento sobre literatura do qual eu nunca ouvi falar, vou pesquisar isso!” Foi a partir daí que me interessei pela teoria (HIDALGO, 2016, p. 345).

Seu “choque” está relacionado ao tipo de escrita crítica proposta por Blanchot, que não pretende analisar a obra literária, mas ser “uma despreziosa criação paralela à obra que critica, uma variação no tom dado pela grande composição e que, embora desnecessária a esta, a completa admiravelmente” (PERRONE-MOISÉS, 1960, p. 2) e à ideia defendida no livro como um todo, “uma profunda meditação acerca da situação atual da Literatura e de seu destino futuro” (p. 2).

Nada disso se parecia à forma nem às propostas da crítica literária que ela estava habituada a ler:

Estamos diante de um crítico que pensa os problemas a uma **altitude muito superior à que estamos habituados**, um crítico que, apoiado em profundo conhecimento do fato literário, consegue encará-lo de uma distância que possibilita a visão de grandes conjuntos, **onde outros só conseguem ver coisinhas microscópicas, semelhanças, influências, enganos – insignificâncias**. Seu olhar arguio descortina o presente e vislumbra, no horizonte, o futuro. (p. 2, grifos nossos)

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

Assim, sua resenha de Blanchot contém também uma crítica à crítica a que ela estava habituada, que, como ela mesma confessa, só podia ser a crítica praticada pelos críticos do *Suplemento* (e do grupo Clima). De forma velada, Leyla afirma que a crítica à qual ela tinha acesso até o momento se atinha a análises pontuais ou discussões filológicas sobre livros do passado, sem procurar um olhar mais amplo sobre os novos caminhos da literatura.

Essa crítica escondida por trás do objeto principal do texto se repete em outros artigos do *Suplemento Literário*. É o caso do seu primeiro texto sobre Roland Barthes, que, curiosamente, não é sobre um texto de Barthes, mas sobre o livro de Pierre Macherey, *Pour une théorie de la production littéraire*, publicado em 1968. Macherey tinha sido convidado pela Faculdade de Filosofia da USP para ministrar uma série de conferências em agosto de 1968: professor de filosofia e marxista, ele tinha afinidades teóricas com alguns críticos e discípulos dos críticos do grupo Clima⁴ (que pouco a pouco começava a ocupar cadeiras na Universidade de São Paulo).

A resenha de Leyla Perrone-Moisés começa com uma alusão ao texto de Barthes, “As duas críticas”, de 1963. Essa abertura já mostra pelo menos uma atitude “evasiva” de Leyla em relação à tarefa de resenhar o livro de Macherey. As distâncias tomadas em relação ao objeto do texto não se limitam a essa reticência inicial. Ela discorre sobre os dois tipos de crítica definidas por Barthes, a crítica que situa seu objeto além da obra (por exemplo, crítica existencialista, marxista ou psicanalítica) e a crítica que situa seu objeto na obra literária (temática, fenomenológica ou estruturalista), para, somente no décimo primeiro parágrafo, afirmar que o livro de Macherey procura uma posição intermediária. E ali encontramos mais uma crítica dentro da crítica: “É justamente este aspecto intermediário de sua posição que nos comunica certo **mal-estar** e deixa em nosso espírito muitas interrogações. Senão vejamos” (PERRONE-MOISÉS, 1968, p. 1). O mal-estar de Leyla vem do fato de que por mais que Macherey se refira à estrutura da obra literária, essa estrutura não é de fato uma característica dessa obra, ela é condicionada pelas condições sociais de sua produção. Assim, disfarçada de intermediária, essa crítica também tem o seu objeto além da obra. Ela termina seu artigo com uma bala de prata: “É difícil fugir ao **paradoxo** quando se quer conciliar a liberdade da obra de arte com uma ideologia determinista” (p. 1, grifos nossos).

Sem brigar com os pais dos quais ela se sente “cria”, Leyla construía pouco a pouco uma muralha de diferenças com eles, especialmente ao não aceitar uma suposta posição “intermediária”, entre análise estruturalista e análise sociológica, reivindicada por Candido e seus discípulos, como neste comentário de Roberto Schwarz sobre as análises de Antonio Candido:

⁴ Pierre Macherey centrava sua crítica nas condições de produção da obra literária, em um diálogo entre sociologia e literatura, uma constante na produção de Antonio Candido, por exemplo.

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

A prioridade passa para a análise estética, ou formal, mas sem que esta se dessocialize, o que é um prisma novo, além e resolver um impasse quase secular na crítica brasileira. Trata-se de um **estruturalismo desenvolvido por conta própria, de inspiração antropológica e sociológica**, em oposição possivelmente ao marxismo vulgar, mas em todo caso anterior à moda estrutural de inspiração linguística, à qual muito discretamente esses trabalhos se opuseram **como uma alternativa de esquerda**". (Schwarz, 1999, p. 12-13, grifos nossos)

Leituras grã-finas

Durante todo o período em que Leyla colaborou com o *Suplemento Literário*, de 1958 a 1972, a crítica da crítica sempre esteve presente. Além dos textos já citados, ela dedicará artigos à discussão sobre o Nouveau Roman, a críticos que se tornariam referência, como René Girard, Marthe Robert, Georges Poulet e Tzvetan Todorov, e vários textos sobre Michel Butor e Roland Barthes, que se tornariam, mais adiante, objetos de sua livre-docência (junto a Maurice Blanchot), publicada sob o título *Texto, crítica, escritura* (PERRONE-MOISÉS, 1978). A partir de 1972, com o fim do *Suplemento*, ocorre um hiato em sua produção jornalística, ocasionado por um estágio de pesquisa na França e depois, pela contratação, em tempo completo e dedicação integral, como professora na Universidade de São Paulo.

Em 1976, ela retoma as resenhas de literatura francesa agora no *Suplemento Cultural*⁵ do Estado de São Paulo, com vários artigos centrados na crítica francesa (sobre Sartre, Butor, Barthes e Todorov). Em 1980, ela muda de meio e de tema: depois da efeméride da morte de Barthes e da publicação de um breve livro de introdução à sua obra, *Roland Barthes, o saber com sabor* (PERRONE-MOISÉS, 1983)⁶, suas publicações em jornais serão mais centradas em novos temas de pesquisa, como a discussão da obra de Fernando Pessoa e Raul Pompéia, sobretudo no *Jornal da Tarde*, mas também em outros meios, como o *Correio Braziliense* e o *Jornal do Brasil*. Na década de 90, Leyla volta a ter uma publicação prolífica de crítica da crítica, agora no *Suplemento Mais!*, da *Folha de São Paulo*. Desse período, destacamos alguns textos, onde podemos observar a renovação de algumas posturas que já tinham aparecido nos anos sessenta.

Começamos por uma polêmica que envolve vários articulistas, que se inicia com a publicação do artigo "O poeta da sedição", de Modesto Carone (*Folha de São*

⁵ Caderno dominical voltado às Letras, Ciências Humanas, Ciências Naturais, Ciências Exatas e Tecnologia e Artes.

⁶ Onde aparecem retrabalhados vários artigos publicados previamente em jornais.

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

Paulo em 20/04/1997), sobre o livro *Quadros parisienses*, do crítico alemão Dolf Oehler, ex-orientando do Theodor Adorno. Nesse texto, Carone, que tinha sido convidado por Antonio Candido para ser professor na Unicamp e era próximo a seu discípulo mais notório, Roberto Schwarz (PINTO, 2019), afirma que o livro de Oehler é “um dos mais relevantes da crítica literária moderna”, já que continua a reflexão de Benjamin sobre o caráter antiburguês da estética de Baudelaire:

O comprometimento revolucionário do poeta, segundo enfatiza o crítico, não foi um mero fogo de palha (como em geral se faz crer). “A revolução” - afirma Oehler com a autoridade do especialista que é mais que um especialista – “encontra-se no coração da poesia baudelairiana (...) é o ódio quase sempre camuflado às relações capitalistas e burguesas que faz Baudelaire ansiar pela revolução e, com ela, pelo triunfo das classes oprimidas”. “Que coisa”, dirá quem anda às voltas com a leitura grã-fina do poeta da modernidade no Brasil. (CARONE, 1997, p. 12)

A afirmação (ou exclamação velada) “Que coisa” é particularmente relevante nesse trecho, já que é marca de um desdém em relação a outro tipo de crítica, identificada apenas como “grã-fina”, em uma retórica habitual desse grupo “uspiano” de crítica social (de discípulos de professores do grupo Clima)⁷. Apesar de a palavra “grã-fina” produzir estranhamento, já que em geral não é associada às discussões acadêmicas de literatura, há um vínculo possível entre a elite e a francofilia, que é aludido pela própria Leyla em seu livro de memórias⁸. No entanto, aqui Carone provavelmente não se referia a essa elite francófila dos anos 60 citada por Leyla, mas

⁷ Marcos Natali tem chamado a atenção para o uso do menosprezo e da caricatura para tratar a teoria francesa por membros desse grupo da Universidade de São Paulo (como Roberto Schwarz e Paulo Arantes): mais do que discutir com autores como Derrida e Foucault, os autores evitam citar nomes (como se fossem contagiantes de um mal) e, no caso de serem obrigados a citá-los (em uma entrevista, por exemplo), recorrem à piada e ao sarcasmo (NATALI, 2022, p. 152).

⁸ “A sociedade paulista tradicional ainda era muito ligada à cultura francesa. Havia naquela época, entre leitores de *O Estado de São Paulo*, uma grande parcela de pessoas que, mesmo sem ser especialistas ou profissionais, falavam francês e liam regularmente livros nessa língua. A prova disso é que, em meus artigos do Suplemento Literário, as citações (às vezes longas) não eram traduzidas, coisa impensável nos dias de hoje. Uma leitora do Suplemento era d. Georgina Vicente de Azevedo (1902-1986), sobrinha de d. Olívia Guedes Penteado, mecenas dos modernistas de 1922. Dona Georgina morava então num belo apartamento da avenida São Luís e perpetuava as práticas de sua tia com um chá semanal ao qual compareciam ilustres figuras da intelectualidade paulista (...). Os chás de d. Georgina eram chiques e deliciosos, como convinha àqueles remanescentes da aristocracia culta paulista. O apartamento era vasto como as mansões de onde eles tinham se mudado, com grandes tapetes persas e estátuas de mármore. A mesa era grande, e o chá era servido em jogos de prata e de porcelana inglesa. Dona Georgina era uma grande dama, e seus convidados já estavam então todos consagrados, acadêmicos ou ocupantes de altos postos na gestão oficial da cultura. Eu era apenas uma jovem jornalista cultural que ouvia muito e falava pouco” (Perrone-Moisés, 2021, p. 37-39).

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

por metonímia a uma leitura apoiada na teoria francesa. A “moda estrutural de inspiração linguística” (SCHWARZ, 1999, citado acima) era vista como uma teoria aliada à elite, ao capital, diferentemente das leituras de T. Adorno ou de Antonio Candido, que muito discretamente se opunham a ela “como uma alternativa de esquerda”. Embora Carone nem sequer abra a possibilidade de citar essa crítica dentro do seu texto (o que seria abrir as portas ao inaceitável, ao inominável), essa pode ser uma referência à crítica estruturalista de Jakobson, por exemplo, à qual Leyla já tinha se referido em um artigo do *Suplemento Literário* (PERRONE-MOISÉS, 1969, p. 1).

Nesse sentido, ela se sente atingida com o atributo de grã-fina e responde com um texto publicado menos de um mês depois no mesmo suplemento *Mais!* da *Folha de São Paulo*:

Que me desculpem meus amigos Roberto Schwarz e Modesto Carone, mas o livro de Dolf Oehler sobre Baudelaire não me deixou “pasma” e “perplexa” como promete Roberto, na orelha do livro, nem dizendo “que coisa!”, como vaticina Modesto em artigo do *Mais!*. (PERRONE-MOISÉS, 1997, p. 5)

No artigo, Leyla usa a ironia como resposta ao desdém pela leitura estruturalista. Roberto Schwarz e Modesto Carone, apesar de serem seus colegas, não eram amigos, e certamente ela não se considerava uma grã-fina para dizer “que coisa”⁹. Assim, no início do artigo, Leyla destaca que o trabalho de Oehler é “honesto”, dentro do objetivo de uma reinterpretação do poeta à luz da luta de classes de 1848, mas afirma não entender por que Baudelaire precisaria de reabilitação, como aponta Carone.

Que Baudelaire necessite e mereça ser reinterpretado, está fora de dúvida. Todos os grandes autores devem ser reinterpretados, não apenas porque a crítica para isso continua existindo, mas porque a capacidade de suscitar novas interpretações (diversas ou mesmo conflitantes) é uma prova da grandeza da obra. Que Baudelaire necessite ser “reabilitado”, já me parece discutível. Reabilitado por quem? Quem foi que o colocou num lugar desonroso, de onde ele precise ser resgatado? (PERRONE-MOISÉS, 1997, p. 5)

⁹ Em *Vivos na memória*, Leyla se refere aos círculos da elite em que circulava, mas sempre esclarecendo que ela se encontrava ali fora de lugar: “Essas senhoras me perguntavam: “Como é seu nome?”. E quando eu respondia, ao ouvir meu sobrenome, elas só diziam: “Ah...”. Mas logo a mãe da Alice [amiga de infância], D. Maroquinhas, acrescentava que eu desenhava muito bem e, melhor ainda, falava francês. Tudo mudava então, porque essa sociedade paulistana tradicional tinha um grande respeito pelos artistas, mesmo principiantes e pelos francófonos, sobretudo precoces. O sobrenome italiano tornava-se então, aceitável” (PERRONE-MOISÉS, 2021, p. 36).

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

A conclusão é que ele precisaria de uma reabilitação ideológica, já que teria sido em diversas vezes acusado de elitista, ou alienado, inclusive por teóricos marxistas, como Sartre.

O método de reabilitação ideológica de Oehler, segundo Leyla, é ao mesmo tempo anacrônico e atual: anacrônico porque, como um marxista clássico, ele começa com um painel histórico da monarquia de julho, mostrando que a literatura é um efeito da história, atual, porque a reabilitação ou inabilitação ou cancelamento a partir de posturas políticas do autor “voltaram recentemente a ter grande prestígio, sobretudo nos Estados Unidos, com a onda do “politicamente correto”, que encampa o “neomarxismo”” (p. 5). E aqui o texto difere das críticas da crítica que vimos antes, porque Leyla inclui agora novos referentes.

Esses referentes já se encontravam no artigo de Carone, que afirma que Baudelaire observava o início do movimento feminista da época com a mesma simpatia com que observava o movimento operário:

Ou seja: “Ambos, mulheres e trabalhadores, lutavam contra o mesmo adversário, o inimigo jurado de toda a emancipação -o burguês moderno”. Certamente as mulheres e os operários, mais as primeiras que os últimos, poderiam tornar-se um novo público para o artista antiburguês e, se isso não aconteceu na época, não quer dizer que não vá acontecer nunca. (CARONE, 1997, p. 13)

O Baudelaire reabilitado de Oehler estaria do lado do movimento feminista ao dar destaque às relações lésbicas, uma forma especificamente moderna do amor, ou seja, uma forma de questionamento do modo de comportamento burguês, o que é amplamente contestado por Leyla:

Oehler afirma que “o jovem dândi observava o início do movimento feminista na época com a mesma simpatia com que observava o movimento operário”. Pergunto-me de onde ele tirou essa pérola. Certamente, não das cartas e do diário de Baudelaire (que ele evita citar, em geral), nos quais podemos ler, com todas as letras, a paixão mesclada de profundo desprezo que ele tinha pelas mulheres, aceitáveis apenas como prostitutas ou empregadas domésticas. [...] Poderia dar muitos outros exemplos da misoginia do falocrata Baudelaire, mas eu não estou aqui para julgá-lo. Apenas não vejo, em parte alguma de sua obra ou de sua correspondência, qualquer indício de seu avançado feminismo. (PERRONE-MOISÉS, 1997, p. 5)

Ela conclui que o que faz Baudelaire ser lido não é seu atestado de boa conduta, mas a qualidade estética de seus poemas e uma temática que é pertinente até hoje. Neste percurso por esses dois longuíssimos artigos de Modesto Carone e

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

Leyla Perrone-Moisés no jornal *Folha de São Paulo*, podemos ver que Leyla repete a sua estratégia de criticar de forma velada a crítica marxista desenvolvida em São Paulo pela crítica da crítica estrangeira, produzindo novamente uma dupla crítica, mas vemos também emergir uma estratégia nova. É possível identificar uma terceira crítica, a crítica dos estudos culturais, que ela equivale à crítica marxista, já que ela não teria como foco o valor da obra literária, mas condições sociais previamente existentes: “Essas velhas maneiras de ler as obras literárias a partir da ideologia voltaram recentemente a ter grande prestígio, sobretudo nos Estados Unidos, com a onda do ‘politicamente correto’, que encampa o ‘neomarxismo’” (p.5). Chama a atenção o fato de que ela usa também uma retórica semelhante à de Carone para se referir a essa crítica, sem nomeá-la abertamente (com o perigo de abrir as portas ao inominável), somente se referindo à crítica que tem “grande prestígio nos Estados Unidos”. Assim, enquanto assume uma postura mais firme em relação à crítica paulista, Leyla adota sua mesma forma de desdém daquilo que não corresponde à sua linha interpretativa.

E assim, no final dos anos 90, início dos anos 2000, Leyla substitui pouco a pouco a crítica oblíqua à crítica marxista desenvolvida pelos herdeiros do grupo Clima, para uma crítica aos estudos culturais.

Separatistas e integradores

Essa mudança de foco da crítica de Leyla Perrone-Moisés já foi apontada por outros pesquisadores. É o caso de Max Hidalgo, que em seu artigo “Leyla Perrone y algunas modulaciones barthesianas en Brasil en torno a la crítica y a la literatura” afirma que, a partir dos anos 90, seu trabalho se voltará a “uma defesa da especificidade da literatura” (2016, p. 357). Essa defesa claramente se coloca como uma oposição aos estudos culturais, que produziria uma “minimização da literatura”, já que ela seria reduzida a uma expressão, reflexo ou sintoma (p. 360).

Diferentemente do embate anterior, contra a crítica social de cunho marxista, o novo embate com os estudos culturais é mais aberto. Leyla não precisará resenhar um livro de um terceiro, como ela ainda o fez no caso do livro de Oehler: ela escreve artigos que questionam diretamente os estudos culturais, como “Que fim levou a crítica literária?” de 25/08/1996. Esse “diretamente” se refere ao título e à ampla defesa da posição contrária (do valor da literatura em si, para além de seu caráter de “memória cultural”); mas seus interlocutores não são todos indicados de forma direta. Nesse artigo, por exemplo, não há de fato responsáveis pelo fim da crítica literária, há apenas associações, revistas ou organizadores de colóquios que descrevem o campo da crítica como um “campo devastado”. Eles não são de fato culpados de um crime, apenas testemunhas.

35 **ir**criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

Essa crise no campo da crítica seria consequência dos estudos culturais entendidos de forma ampla, que Leyla descreve apenas como a “tendência dominante nas universidades norte-americanas”, repetindo a estratégia do artigo sobre Oehler:

O que se vê claramente nessas formulações é a minimização da literatura, aí enfocada como apenas uma das formas da cultura (forma de cuja eficácia se duvida), a redução de sua função à de memória coletiva e a diluição de seu estudo no contexto mais vasto dos **“estudos culturais”, tendência dominante nas universidades norte-americanas. A crítica literária moderna, que lidava com uma literatura concebida ela mesma como crítica, transformadora, inovadora, revolucionária, utópica, corre assim o risco de perder, juntamente com seu objeto, sua razão de ser e sua conveniência.** Será a crítica uma boa coisa? (PERRONE-MOISÉS, 1996, p. 9, grifos nossos)

Quatro anos depois, ela publica um novo artigo sobre o mesmo tema, mas desta centrado desta vez na perda da razão de ser do objeto da crítica, a literatura (“Em defesa da literatura”, de 18/06/2000). Ali, novamente os estudos culturais como “tendência dominante em universidades americanas” aparecem como responsáveis pelo “abandono da literatura”:

Sob a influência teórica do pós-estruturalismo francês, **os teóricos americanos** adotaram certos aspectos da crítica ao logocentrismo por Derrida, a contestação dos discursos de poder por Foucault, e aplicaram-nos às questões ideológicas candentes de seu país – o patriarcalismo, o radicalismo antinegro, o puritanismo homofóbico, o multiculturalismo, a expressão colonial em língua inglesa. Constituíram-se, assim, vários grupos, cada qual aspirando à precedência e disputando os destroços da velha literatura para usá-los exclusivamente a seu favor. O resultado foi a “balcanização” dos estudos literários, **a submissão dos mesmos aos mal-definidos “estudos culturais”,** supostamente interdisciplinares, mas na verdade superficialmente informados pelas ciências humanas, até a condenação e o abandono puro e simples do “literário”. (Perrone-Moisés, 2000, p. 12, grifos nossos)

Como podemos observar no início do trecho, os teóricos dos estudos culturais permanecem ocultos, eles são aludidos apenas pelo seu país de origem (“teóricos americanos”), e pelas suas referências principais (Derrida e Foucault). O artigo, no entanto, não se esquivava de apontar culpados “práticos”: os administradores de universidades norte-americanas, que teriam uma oportunidade de cortar gastos com essa nova tendência e favorecer nichos específicos de mercado (os movimentos

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

LGBTQI+, o feminismo, o multiculturalismo), e mesmo ao ministro de educação da França do governo Jospin, Claude Allègre, que teria proposto a substituição dos estudos literários no Ensino médio, por “comunicação e expressão”.

Assim como os seus colegas marxistas não nomeavam os teóricos franceses, Leyla resiste estrategicamente a nomear os teóricos dos estudos culturais. Porém, não era do seu feitio barrar as novas teorias que vinham do exterior; assim, ao mesmo tempo em que negava nomear teóricos dos estudos culturais, ela mostrava abertura para discussões ligadas – talvez de forma oblíqua – a essa linha de pesquisa.

É possível observar essa abertura em um longo artigo dedicado a Edward Said, professor de uma universidade americana e referência nos estudos pós-coloniais (“Edward Said, o intelectual fora de lugar”, de 29/06/2003), estudos que normalmente são relacionados aos estudos culturais (já que compartilham alguns eixos de discussão, por exemplo, identidade, grupos minoritários, migrações). Longe de culpabilizar Said pela minimização da literatura e da crítica, o texto está repleto de elogios às várias facetas do seu trabalho (desde sua trajetória como militante da causa palestina, até seu trabalho como professor de literatura comparada). Segundo Leyla, Said não veria a literatura como palco de uma reivindicação identitária de uma cultura (ou de um grupo) em particular, mas como um espaço privilegiado de relação entre as culturas. Nesse sentido, ele é herdeiro de uma tradição específica da literatura e da crítica:

A disciplina de que Said é titular, a literatura comparada, é uma decorrência do projeto romântico de “Weltliteratur”, concebida por Goethe e, naturalmente, tributária de uma ideologia eurocêntrica. Os grandes inspiradores teóricos de Said, nessa disciplina, são os eruditos Curtius e Auerbach. Goethe concebia a literatura mundial como uma *sinfonia*; Said, intelectual de um mundo completamente transformado pelas grandes guerras, pelas viagens e migrações, pela globalização econômica e pela cultura massificada, prefere falar em *contraponto*. No terreno literário, a “mundialidade” é vista como uma noção útil. Estabelecer relações entre as obras e, através delas, entre os homens é uma maneira de “ampliar o contexto” e “fazer com que as culturas se alimentem umas às outras”. (PERRONE-MOISÉS, 2003, p. 11).

Em um primeiro momento, esse artigo produz a impressão de uma mudança de lado e num olhar mais ameno em relação aos estudos culturais, mas logo vemos que a sua postura tem muitos pontos em comum com seus artigos anteriores. Leyla produz uma oposição entre Edward Said, que exalta a literatura como espaço privilegiado para o estudo das relações entre as culturas e outros teóricos (não citados) dos estudos culturais: “contrariamente aos “culturalistas”, que usam os textos

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

literários apenas como comprovações de suas teses acusatórias ou laudatórias, Said nunca perde de vista a especificidade dos estudos literários” (p. 11).

Assim, ela usa um dos intelectuais de referência nos estudos pós-coloniais, para exaltar a especificidade dos estudos literários. Said se refere às literaturas de grupos minoritários e de origens geográficas periféricas, sempre em diálogo com grandes obras da civilização ocidental a partir do estudo do seu valor estético (o estilo, o prazer, a iluminação). Seria um tipo de abordagem não exclusivista, nem separatista, mas integradora. Em outras palavras: o contrário do que Leyla identifica como os estudos culturais, acusados em seus textos de separatistas e minimizadores do valor da literatura.

Uma caixa maior do que as outras

Depois desta primeira aproximação aos textos de crítica da crítica de Leyla Perrone-Moisés em jornais, é possível afirmar que eles têm uma particularidade em relação aos textos que apareceram em livros (mas às vezes se repetem). Os textos em jornais são terminados no calor do fechamento do caderno e deixam entrever polêmicas que Leyla talvez estivesse pouco disposta a dar a ver em seus livros. Essas polêmicas se dão de forma indireta: é necessário abrir várias caixinhas para entender as suas posições, que de qualquer forma se repetem, são insistentes. Porém, essas posturas dos jornais estão dentro de contexto de grandes projetos de pesquisa de Leyla, que depois se transformarão em livros e são dependentes deles. Assim, a contraposição aos estudos culturais é condizente com seus dois grandes projetos das últimas décadas, *Altas Literaturas* (1998) e *Mutações da literatura no século XXI* (2016), onde seu objetivo é destacar o valor estético da literatura e os ideais da modernidade, em um mundo que daria atenção justamente a questões externas a esse valor. Eles são grandes caixas que englobam essas bonecas russas da crítica, porém há uma caixa maior que está presente há mais tempo: Roland Barthes.

Não se trata do Barthes de “As duas críticas” citado em seu texto sobre Macherey, mas um Barthes específico, o da sua *Aula* inaugural do *Collège de France*, que Leyla tenta sempre recuperar em seus artigos dos anos 2000, década em que assume a coordenação da Coleção Roland Barthes na editora Martins Fontes e que volta a traduzir muitas de suas obras, especialmente os cursos no *Collège*, produzidos a partir das questões colocadas em sua aula inaugural¹⁰. Tanto “Que fim levou a crítica

¹⁰ A Coleção Roland Barthes na editora Martins Fontes publicou reedições de livros já traduzidos no Brasil (como *O grau zero da escrita* e *Fragmentos de um discurso amoroso*), de livros antigos de Barthes que ainda não tinham sido traduzidos anteriormente (como *O império dos signos*, originalmente publicado em 1971), e seus cursos no *Collège de France* (*Como viver junto*, *O neutro*, *A preparação*

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

literária?” (1996), quanto “Em defesa da literatura” (2000) terminam com referências a esse pequeno livro de Barthes: o texto de 96 cita um trecho¹¹, mas não identifica a obra; o texto de 2000 se refere ao livro, mas não o cita¹². Ensaio caleidoscópico, *Aula* engloba todas as suas obras anteriores. É possível afirmar que é uma grande caixa que engloba muitos tipos de discursos críticos praticados ao longo da sua vida, mas aos quais acrescenta uma reflexão: o papel subversivo da literatura em relação a qualquer discurso de poder, como explica a própria Leyla, no seu singular posfácio “Lição de casa”:

Seu combate sempre foi e é um combate de linguagem (e seria mais justo falar de “pesquisa” ou “encaminhamento”, já que “combate” supõe “vitória”), o que evita o apoio numa ideologia para atacar outra. Nenhuma linguagem, é claro, está isenta de ideologia, e Barthes sempre teve a mais aguda consciência desse fato. Mas a luta contra o estereótipo e seu reino é certamente a tática mais segura para evitar que o discurso coalhe nas ilusões da naturalidade e nas tentações do autoritarismo. É disso que se trata, o tempo todo, na *Aula*; é isso que Barthes fala e, ao mesmo tempo, é isso que ele demonstra no próprio tecido do texto, trabalho sutil de desativação dos “discursos da arrogância”. (PERRONE-MOISÉS, 2004, p. 59-60)

Leyla Perrone-Moisés vê claramente nos estudos culturais um “discurso de arrogância”, impossível de ser conciliado com a sua caixa sobre todas as caixas, Roland Barthes. Porém, esse discurso, apesar de ser “tendência dominante nas universidades norte-americanas”, não está em toda a produção de viés culturalista, nem toda a produção contemporânea, nem em toda a produção de universidades norte-americanas. Roland Barthes coincide aí com Edward Said, trabalhando juntos para que os saberes produzam contrapontos e vivam juntos (e integrados) de uma forma saborosa.

do romance). Para uma visão completa das traduções de Barthes no Brasil, ver a tese de Laura Brandini “Imagens de Roland Barthes no Brasil” (BRANDINI, 2013, anexo, p. 6-9).

¹¹ “Esse estado de coisas pós-moderno, que atingiu o ensino da literatura, nos leva agora a pensar em nossa responsabilidade como intelectuais, críticos e professores. Talvez seja o momento de nos deslocar, com relação à doxa triunfante, a doxa pós-moderna. Deslocar-se, dizia Barthes, pode ser **“abjurar o que se escreveu (mas não, forçosamente, o que se pensou) quando o poder gregário o utiliza e serviliza”**. Deslocar-se não é voltar atrás, para manter imutáveis os valores e métodos do passado, mas reavaliá-los, elaborar novos conceitos e novos discursos adequados à situação presente. Será que, ao efetuarmos a liquidação sumária da estética, do cânone e da crítica não jogamos fora, com a água do banho, uma criança que se chamava Literatura?” (PERRONE-MOISÉS, 1996, p. 9)

¹² “Sustentar a causa da literatura também pode ser a melhor maneira de comemorar os 20 anos da morte de dois de seus maiores defensores: Jean-Paul Sartre e Roland Barthes, dos quais vale a pena reler, respectivamente, “O Que é a Literatura” (1948) e “Aula” (1977)” (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 13).

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

Referências

- BRANDINI, L. T. *Imagens de Roland Barthes no Brasil*. Tese Inédita. São Paulo/ Genebra: Universidade de São Paulo/ Universidade de Genebra, 2013. Portal de teses da Universidade de São Paulo. DOI: 10.11606/T.8.2013.tde-13022014-102229
- CARONE, M. O poeta da sedição. *Caderno Mais! Folha de São Paulo*, 20/04/1997.
- HIDALGO N., M. Leyla Perrone-Moisés y algunas modulaciones barthesianas en Brasil em torno a la crítica y la literatura. *ALEA*. Rio de Janeiro, vol. 18/2, maio-agosto 2016.
- NATALI, M. El acta de nacimiento de la musa: Cómo (no) leer la deconstrucción en São Paulo. Em: AGUILAR, G.; AMIGO PINO, C.; MIRIZIO, A., *Travesías, críticas, obstrucciones. La circulación de la teoría francesa en América Latina*. São Paulo: Portal de Livros Abertos da Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9788575064207>
- PERRONE-MOISÉS, L. *Vivos na memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- PERRONE-MOISÉS, L. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- PERRONE-MOISÉS, L. *Lição de casa*. [Posfácio]. Aula. São Paulo: Cultrix, 2004 [1980].
- PERRONE-MOISÉS, L. “Edward Said, o intelectual fora de lugar”. *Caderno Mais! Folha de São Paulo*, 29/06/2003.
- PERRONE-MOISÉS, L. Em defesa da literatura. *Caderno Mais! Folha de São Paulo*, 18/06/2000.
- PERRONE-MOISÉS, L. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PERRONE-MOISÉS, L. Baudelaire reabilitado. *Caderno Mais! Folha de São Paulo*, 11/05/1997.
- PERRONE-MOISÉS, L. Que fim levou a crítica literária? *Caderno Mais! Folha de São Paulo*, 25/08/1996.
- PERRONE-MOISÉS, L. *Roland Barthes. O saber com sabor*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PERRONE-MOISÉS, L. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Ática, 1978.
- PERRONE-MOISÉS, L. Do formalismo ao estruturalismo. *Suplemento Literário de O estado de São Paulo*, 20/09/1969.
- PERRONE-MOISÉS, L. Uma necessidade livre. *Suplemento Literário de O estado de São Paulo*, 06/07/1968.
- PERRONE-MOISÉS, L. Maurice Blanchot. *Le livre à venir*. *Suplemento Literário de O estado de São Paulo*, 26/11/1960.

35 *ir* criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

PINTO, M. C. Modesto Carone, tradutor que mudou o jeito como lemos Kafka, morre aos 82. Folha da São Paulo, 16/12/2019.

PONTES, H. *Destinos mistos. Os críticos do grupo Clima em São Paulo 1940-1958*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARZ, R. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WOLFF, J. *Telquelismos latino-americanos: a teoria francesa no entre-lugar dos trópicos*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2016.

Recebido em: 29/04/2023

Aceito em: 05/06/2023